

5

O ambiente acadêmico de Saussure – filósofos e filosofias influentes: as tradições seguidas, as tradições relegadas e as rupturas efetivadas pelo mestre de Genebra

O *Curso de Linguística Geral*, como é sabido, é resultado do trabalho de compilação de dois alunos de Ferdinand de Saussure: Charles Bally e Albert Sechehaye. Esse fato, diga-se em tempo, é muitas vezes apontado como responsável por falhas e imprecisões terminológicas presentes no texto em questão, que, de certa forma, não poderiam ser atribuídas diretamente a Saussure, uma vez que a obra não foi escrita por seu próprio punho.

Ademais, como se mostrará à frente, esses mesmo alunos serão fortemente engajados (e até certo ponto criadores) de escolas linguísticas que viriam a expandir a obra inicial do mestre, na medida em que esta descartava a linguística da fala como excessivamente heterogênea para ser analisada cientificamente. Vale dizer que haverá, na própria Suíça, posteriormente à obra saussuriana, por iniciativa dos compiladores da obra basilar e de outros que os seguiram, estudos voltados à emotividade e à afetividade no discurso (Estilística), na *parole*, e na própria *langue*, algo que Saussure refutou.

Voltando ao ambiente acadêmico em que se situava Saussure, é importante, antes do mais, dizer que, no início do século XX, ganhavam foros de cientificidade os chamados Irracionalistas, com a publicação de obras da envergadura de autores como Freud, Nietzsche, Schopenhauer. Eles consideravam fortemente o caráter subjetivo e individualista do ser humano, vendo-o como ser inconsciente, movido muitas vezes pelo instinto e pela vontade, e não pela razão, pela consciência e pelo autocontrole. Essa macrocorrente de pensamento influenciaria inclusive os sociólogos e antropólogos futuros, que passaram a não mais adotar a perspectiva etnocêntrica (que tem como ponto de partida o ambiente cultural do analista), ou simplesmente ética, e começaram a tomar o ponto de vista êmico, que procura analisar as culturas e suas variantes a partir das suas idiossincrasias, sem inquirir-lhes preconceituosamente rótulos depreciativos pelo simples fato de serem diferentes das culturas de que os analistas eram oriundos.

Pode-se dizer que Malinowski e Lévi-Strauss foram precursores dessa metodologia. No Brasil, há trabalhos de igual pujança e fôlego, como o de Euclides da Cunha e os de Gilberto Freyre. Na linguística, já foram citados Labov, Herzog e Weinreich.

Também se deve citar a forte revolução perpetrada por Karl Marx no terreno da economia política, que via a sociedade não como um conglomerado estático, mas como um movimento de luta incessante de classes de pessoas que se esbatiam em suas estruturas devido a conflitos de interesses fincados, sobretudo, nos meios de produção que se instauraram a partir da Revolução Industrial. Desse modo, a importância primordial de Marx ao pensamento acadêmico, e que começava a se esboçar no início do século XX, foi exatamente a noção de que as questões sociais são dinâmicas e não estáticas, e que a infraestrutura, a qualquer momento, motivada por pressão e união social, tende a tornar-se superestrutura, e que esse “quadro”, com o tempo, tende a sofrer novas alterações, contínua e ininterruptamente. Portanto, a mudança social é, para Karl Marx, a regra, a grande realidade das sociedades, e as relações estabelecidas têm certa fragilidade e instabilidade no que se refere à sua manutenção. (cf. Marx, 1982)

No entanto, não foram, absolutamente, essas as influências sobre Saussure. O ambiente a que ele estava afiliado, antes de tudo, e que teve responsabilidade por sua formação filológica inicial, era o dos neogramáticos, pois, naquele momento, fazer cientificamente um estudo de língua equivalia a olhá-la historicamente e apontar-lhe fatos (de preferência fônicos) que iam mudando ao longo do tempo. Era um método histórico-comparativista, com grande preocupação em localizar etimologias e mudanças fônicas.

A esse tipo de fazer filológico se dava o nome de “estudos neogramáticos”²⁸, e foi essa a diretriz unânime até o início do século XX. Deve-se dizer, sobre esse período, ainda, que

[e]sse modo de fazer Linguística, comparando as línguas na busca de semelhanças e verificando a história de cada uma delas à procura de origens comuns, foi o método dominante da Linguística do século XIX, o chamado método histórico-comparativo. (Pietroforte, 2002, p. 77)

²⁸ Os neogramáticos sistematizaram os estudos que utilizavam o método histórico-comparativo até então existentes.

Saussure, como foi dito, ao conhecer a gramática indiana de Pāṇini, que é eminentemente sincrônica, toma como elemento angular de seus estudos uma perspectiva semelhante: a sincronia. Com isso, ocorre a primeira ruptura a que ele vem dar guarida. Essa ruptura também se deu, com efeito, pelo fato de que Saussure alegava que o método histórico não chegava a ser propriamente um estudo linguístico, uma vez que lhe faltava, segundo ele, exatamente determinar qual era o objeto de estudo em questão: a língua. Com isso, para Saussure, o método não tinha *status* de ciência, já que lhe faltava o primeiro pressuposto: delimitação do objeto. Por isso mesmo, essa será a primeira tarefa de Saussure ao propor uma ciência linguística – traçar como seu objeto a *língua*.

Não bebendo da fonte dos Irracionalistas acima citados, tampouco de Marx, as influências de Saussure foram outras, quando de sua ruptura com os neogramáticos. Até mesmo no que tange à ciência da Economia, pode-se dizer que Saussure foi influenciado pelos neoclássicos, não pelo modelo marxista.

Sua primeira influência, no entanto, foi a do Positivismo. Essa escola, que fora fundada por Comte (com sua lapidar teoria dos três estados: teológico, metafísico e positivista, que se sucederiam naturalmente conforme a evolução da civilização), teve em Durkheim (com seu construto sobre solidariedade orgânica e mecânica, semelhante e complementar à de Comte) forte expoente e, até mesmo em Taine (com seu determinismo, em que o homem era fruto passivo da *raça, do meio e do momento específico* em que vivia, sendo o passado uma ficção refutável, ideias que foram tão influentes na literatura realista-naturalista), um importante desdobramento. Não se poderia ainda deixar de citar Kelsen, como importante positivista austríaco nas searas jurídicas, com sua máxima de que “a lei é tudo aquilo que é escrito”.

De todos esses, sem dúvida foi Durkheim quem influenciou em maior grau a teoria de Saussure. Para o sociólogo, o fato social era *exterior* ao indivíduo e *imposto* a ele (a noção de coerção social). Eles existem independentemente das consciências individuais. Saussure virá a definir a língua, ora seu objeto de estudo, como um fato social, portador das mesmas características durkheimianas do fato social: exterior e coercitivo. Aqui, Saussure chega à conclusão de que a língua tem caráter social e sistematizável (por isso passível de ser enfocada cientificamente), ao passo que a fala, por ser individual, tem caráter secundário. Ademais, por já nascer herdando uma língua pronta, o indivíduo, segundo conclusão de Saussure, é secundário à sua construção.

Some-se a isso, que, para a concepção saussuriana, o fato de a língua ter tido tal ou qual origem e evolução ao longo do tempo e da história é irrelevante ao fato maior de a língua apresentar-se, em dado momento, em determinado estado, aos indivíduos, tal como ela é. Este fato seria primário e primordial, em relação a questões relativas a mudanças históricas e a influências individuais sobre tais mudanças.

Ora, toda lei social apresenta duas características fundamentais: é *imperativa* e é *geral*; impõe-se e se estende a todos os casos, dentro de certos limites de tempo e de lugar, bem entendido (...) [A] primeira coisa a fazer, segundo o que se acabou de dizer, é separar uma vez mais as esferas do sincrônico e do diacrônico. Há dois problemas que não devemos confundir. Falar de lei linguística em geral é querer abraçar um fantasma (Saussure, 1984, p.107)

Em poucas palavras, para Saussure, a atividade linguística concreta, que é a fala, deve ser refutada, pois o indivíduo não poderia modificar a estrutura abstrata (numa patente influência de Platão), que é a língua. Coseriu irá rebater esse pensamento afirmando que a modificação que o indivíduo perpetra só não será aceita *SE* os outros indivíduos não assimilarem a mudança. Está presente nesta crítica a ausência, em Saussure, das noções de encaixamento, avaliação e implementação, ausência que, sem dúvida, se faz, de fato, notar no Mestre suíço, que buscava, na idealização calcada em caracteres abstratos, um lugar seguro para observar seu objeto científico, sem intervenções de variantes que pudessem expandir sobremaneira a equação relativamente segura e sem sobressaltos à qual ele chegara.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação, e é psicofísica. (Saussure, 1984, p.27)

Essa tentativa de Saussure de dar à linguística um caráter objetivista (que era o modo de se fazer ciência então, e que tinha sua gênese em Kant e mais recentemente em Husserl, professor de Heidegger), fê-lo separar “um objeto bem definido”, um objeto “de natureza homogênea”, “o terreno da língua” (Lucchesi, 2004, p. 49), e isso criou uma cisão com “a parte física da comunicação” (idem, ibidem), ou seja, a fala, e a sua realização, que só se dá na massa, ou seja, na língua. Em suma, o excesso de idealização de Saussure no que se refere à abstração da língua, por seu caráter primordialmente homogêneo

(e por sua preocupação grandemente objetivista), fez com que ele, como afirma Bakhtin em vários lugares, de certa forma retirasse a língua, que ele próprio, Saussure, descreve como fato social, de seu ambiente verdadeiramente social.

Será essa também a crítica efetuada a partir da década de 60 do século XX, já que a Sociolinguística Variacionista (e todas as escolas que lhe são contemporâneas, como a Sociolinguística Interacional, a Pragmática e outras) têm como postulado o fato de que o indivíduo atua ativa e constantemente sobre a sua língua “herdada”, transformando-a de acordo com os contextos sociais diversos, o “fato sociolinguístico” (Tarallo, 1999, p. 17), as “convenções de contextualização”, a “dêixis”, as “implicaturas de Grice” (Marcondes, 2005, p. 29).

Outra importante influência no sistema criado por Saussure foi o dos racionalistas, sobretudo Descartes. Ocorre que o sistema cartesiano, que inclusive forja a metodologia científica a partir de sua concepção, é matemático. Assim, o código saussuriano vem a ser, de certa forma, um código matemático, na medida em que não relaciona o signo ao indivíduo, mas sim o signo ao signo. Para ele, o valor de um signo está justamente calcado no conjunto de signos que o sistema comporta. Em função disso, o indivíduo não é considerado nesse “jogo”.

Além disso, o significante, que necessitaria obrigatoriamente do indivíduo para ocorrer (o significante) é vista em Saussure como mero MEIO, INSTRUMENTO de se chegar ao outro lado, o significado. Sua importância, portanto, se restringe ao fato de ser uma espécie de veículo que leva ao que realmente importa nos estudos linguísticos sob a ótica saussuriana: o significado, repita-se. Com essa conduta, a Linguística, para Saussure, é um sistema fechado, que possui uma lógica interna, e que deve ser completamente separada de apropriações e ideologias sobre elas. Isso também porque a sua visão de língua é a de que ela teria como objetivo *representar* coisas e ideias, e todos os meios físicos de que ela dispusesse seriam condutores, tão somente, a essa teleologia proposta.

À frente veremos que Jakobson, exatamente por pertencer a uma escola literária (Formalismo Russo, fundado por V. Chklovski), irá se preocupar muito com a parte fônica (significante) do signo, já que estará analisando poesias, cunhando mesmo o termo “função poética”. Como se sabe, a poesia se preocupa sobremaneira com a escolha das palavras e, muitas vezes, essas

escolhas são feitas com bases exatamente na sonoridade (a rima, por exemplo). Essa preocupação com a parte até então relegada por Saussure, como será visto, será uma grande contribuição do Círculo de Praga às ideias do mestre de Genebra, a partir do momento em que dá à Fonologia (parte física) caráter igualmente essencial, não meramente instrumental, de onde se expandirão os estudos linguísticos a outros locais relegados por Saussure a planos inferiores.

Portanto, voltando a Saussure, eis sua primeira contribuição – a despeito das críticas que virão a seguir e que já se esboçaram no decurso deste trabalho – ao estudo linguístico: traçar um primeiro objeto da ciência linguística, que, pois, passa a ser autônoma, e vê-lo como um sistema interno de signos, abandonando-se os estudos atomísticos, incidentais e com poucas preocupações teóricas consistentes que levavam a cabo os estudos até então vigentes nos neogramáticos. Ele não apenas estabeleceu e delimitou seu objeto, como demonstrou um rígido método que seguiria: objetivista e racionalista.

Toda essa proposta pode ser bem resumida com o seguinte trecho do *Curso*, em que Saussure chega a definir a própria Gramática como mera relação entre sintagma e paradigma (respectivamente as relações em presença e em ausência), numa explicação racionalista que põe a própria disciplina gramatical sob seu rígido aparato teórico de relação signo-signo, interna, fechada, abstrata, autônoma:

DIVISÕES RACIONAIS

A interpenetração da morfologia, da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia. Não pode haver entre eles nenhum limite traçado de antemão. Somente as relações estabelecidas mais acima entre as relações sintagmáticas e as relações associativas sugere um modo de classificação que se impõe por si mesmo, o único que se pode pôr como base do sistema gramatical. (Saussure, 1984, p.158)

A essa rigidez, Coseriu, se manifesta da seguinte forma:

De todos modos, por lo que aquí nos interesa, el enfocar la lengua como objeto matemático – o sea, estructura, no simplemente sincrónica, pero permanente, estática, atemporal – impide a la glosemática ver la historicidad y el dinamismo de los sistemas lingüísticos y plantear el problema del cambio. (Coseriu, 1967, p.269)²⁹

²⁹ Tradução nossa: De toda forma, pelo que aqui nos interessa, enfocar a língua como objeto matemático – ou seja, estrutura não simplesmente sincrônica, mas permanente, estática, atemporal – impede a glosemática de ver a historicidade e o dinamismo dos sistemas linguísticos e analisar o problema da mudança.

Em síntese, percebe-se que as noções de estrutura e sistema em Saussure, devido às influências epistemológicas sofridas por ele, descartam os fatos através dos quais as relações da língua são atualizadas, e a noção de estado da língua de certa forma retira a língua da cronologia, já que, em suma, o sistema deve ser entendido exclusivamente como conjunto de relações que só pode e deve ser estudado a partir das relações internas (tudo o que modifica o sistema), o que vai banir a necessária relação dialética que deverá haver entre a parte social da língua e a parte individual da mesma. A língua, objeto da linguística então, é vista como um sistema de signos que se relacionam uns com os outros, sendo seus valores atribuídos exatamente a partir dessas relações (sintagmáticas e paradigmáticas).

Nesse jogo [o xadrez] é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto consiste ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. Não é menos verdade que certa atenção e faz necessária para estabelecer distinções dessa espécie. Assim, em cada caso, formular-se-á a questão da natureza do fenômeno, e para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau. (Saussure, 1984, p. 32)